

Articular gênero e risco não significa hierarquizar diferenças ou buscar igualdades, mas ilustrar que há homens e mulheres vivenciando o risco no trabalho e que essas vivências podem se dar de formas singulares. Buscamos entender quais os modos de perceber e avaliar os riscos e quais as estratégias defensivas que os/as trabalhadores/as utilizam frente aos riscos no cotidiano do trabalho. Utilizamos dez entrevistas: Nível Superior, Nível Intermediário e Nível de Apoio, em igual número para homens e mulheres, assim como, relatórios obtidos a partir dos encontros com o Grupo Homogêneo e observações realizadas "in locus". Frente aos riscos, os homens reclamam mais do que as mulheres e assumem uma posição contestatória. Já as mulheres levantam a questão dos riscos quando estimuladas e sua abordagem tende a ser mais profunda do que a dos homens. A forma pela qual as estratégias defensivas se expressam sofre o atravessamento do gênero, já que os encaminhamentos diferenciados por parte de homens e de mulheres os/as sustentam como homens valentes e frios, e mulheres emotivas e frágeis. A transformação das condições de trabalho com vistas ao bem estar e a proteção à saúde dos/das trabalhadores/as deve fundamentar-se na descrição e análise dos riscos nos locais de trabalho e no modo como vivenciam tais riscos desde a perspectiva do gênero e classe social. (CNPq, FAPERGS e PROPESP).